

# Artesão de Coimbra preserva a pintura tradicional do prato ‘ratinho’

written by O Cidadão | 11 de Novembro, 2023



**Carlos Tomás** dirige há décadas, no **largo da Sé Velha**, uma loja onde expõe e vende milhares de peças de cerâmica artística, com destaque para a chamada louça de Coimbra e para os pratos ‘ratinhos’.

O louceiro disse que esta faiança popular, também designada ‘**troca-trapos**’, inclui pratos, alguidares e tigelas, decorados com peixes, aves, elementos vegetais, lavradores, músicos, pescadores e pastores, entre outros motivos.

*“Era feita na região das Beiras, especialmente no inverno”*, referiu, para explicar que, nos séculos XIX e XX, tais utensílios eram produzidos no início por famílias pobres que se deslocavam para o Ribatejo, a Beira Baixa, o Alentejo e mesmo a Extremadura espanhola.



Direitos Reservados

Segundo Carlos Tomás, estes trabalhadores, conhecidos como **'ratinhos'**, **'pica-milhos'** ou **gaibéus**, levavam consigo os pratos e *“os senhores dos campos, no final, ficavam com as cerâmicas, trocando-as por roupas e agasalhos”*, o que deu origem à expressão **'troca-trapos'**.

Em **1939**, **“Gaibéus”** foi o título dado por **Alves Redol** (1911-1969) ao seu **primeiro romance**, inaugurando o movimento do **neorrealismo**, com relatos sobre a vida de *“um povo resignado que luta afincadamente”* de sol a sol, nos arrozais alagadiços do Ribatejo.

Também **Manuel da Fonseca** (1911-1993) contou a vida dura nos campos onde os **'ratinhos'** – **beirões, minhotos e até gente da Galiza** – procuravam ganhar algum dinheiro, o que não conseguiam nas magras leiras do interior montanhoso.

No poema *“Maria Campaniça”*, o neorrealista evoca uma mulher de olhos lindos, *“rosto macerado de andar na ceifa e na monda desde manhã ao sol-posto”*.

Natural de Condeixa-a-Nova, Carlos Tomás ainda era criança **quando aprendeu a pintar** o prato **'ratinho'**, numa oficina daquela vila do distrito de Coimbra.

*“Não conheço mais ninguém a pintar cerâmica 'ratinha' à mão”*, afirmou, realçando que se trata de *“uma louça das Beiras e uma das mais bonitas do mundo”*.

Tudo começou quando, com apenas 11 anos, **tinha de fugir quando**

**lá iam os fiscais. Mais tarde, resolveu que a cerâmica era a sua vida.**



Direitos Reservados

Coimbra chegou a acolher dezenas de olarias de onde saíam faianças várias, sobretudo na Baixa, onde a importância da atividade ao longo dos séculos ficou gravada em topónimos como **largo das Olarias e rua da Louça.**

Ali bem perto, o Hotel Oslo ornamenta paredes **com vários pratos 'ratinhos'**. Na Alta, o **Museu Nacional Machado de Castro** possui um acervo de cerca de **170** destas peças com desenhos ingénuos e cores vivas.

*"Houve uma cerâmica no Alentejo que as fazia muito bem, como em Coimbra e Alcobaça"*, contou Carlos Tomás.

**Em Castelo Branco, no Museu Cargaleiro,** pode ser visitada uma mostra de cerâmica popular que integra um conjunto de pratos 'ratinhos'.

Também o investigador **Aires Henriques** reúne no Solar do Povo Ratinho, em **Pedrógão Grande,** quase uma centena destes pratos e algumas planganas ou alguidares, outrora usados pelos 'pica-milhos'.

*"O que distingue mais a cerâmica 'ratinha' são as cercaduras*

*de palmas e as cores, como o verde-cobre e o morado”, disse Carlos Tomás.*

Segundo **Aires Henriques**, a expressão **‘pica-milhos’** provém, possivelmente, do facto de multidões de migrantes que rumavam ao Sul serem oriundas do Minho e da Galiza, onde os campos de milho dominavam a paisagem rural.

Pelo contrário, para o artesão de Coimbra, *“não há dúvida nenhuma”* de que a designação está associada à imagem coletiva dos **‘ratinhos’** a **“picarem todos da mesma taça”**.

*“Levariam alguma louça, mas não seria ‘ratinha’. A cerâmica ‘ratinha’ eram os agrários que a compravam. Atrás dos ‘ratinhos’ iam os almocreves vender louças nas feiras locais”,* justificou Aires Henriques.

Na sua opinião, *“o grosso desses ‘ratinhos’ eram serranos”* que viviam nas montanhas da Lousã e do Caramulo, por exemplo, onde cultivavam *“faixas muito estreitas”* de terra.

Era *“gente com grandes dificuldades que migrava”* com o objetivo de *“angariar algum dinheiro para pagar na mercearia, nalgumas situações para casar a filha...”*.

**‘Ratinhos’** foi *“o nome que se vulgarizou mais, talvez pelo aspeto de pequenino da maior parte deles, pelo tipo de roupas acastanhadas e acinzentadas”* que usavam.

*“Com grande denodo na execução das tarefas”,* sobretudo na ceifa, bem como na monda, vindima e apanha da azeitona, *“como se fossem ‘ratinhos’”,* sugeriu ainda Aires Henriques, de 76 anos.

*“Gente pobre, humilde e inculta que ia concorrer com os trabalhadores locais, cujas condições não eram melhores”,* enfatizou.

Em 2022, o dono do **Solar do Povo Ratinho**, nos Troviscais, lançou a antologia *“Os ‘ratinhos’: o povo serrano por terras*

*do Alentejo e Borda d'Água*", tendo igualmente publicado o livro *"O canto popular e as migrações internas"*, editado pelo município de Lousada.